

# RADAR Econômico



## Indústria Brasileira

### PARA ONDE IRÁS EM 2023?

A indústria brasileira caracterizou-se no século 20 por um desenvolvimento sem par entre os países latinos, bem como esteve entre os principais desenvolvimentos alcançados ao longo das décadas no mundo. Contudo, nas últimas 3 décadas a indústria brasileira enfrenta uma regressão, seja em termos de participação percentual no PIB, seja na proporção de empregos gerados ou até mesmo em termos de evolução comparada ao mundo.

# Indústria Brasileira - Para onde irás em 2023?

A indústria brasileira caracterizou-se no século 20 por um desenvolvimento sem par entre os países latinos, bem como esteve entre os principais desenvolvimentos alcançados ao longo das décadas no mundo. Contudo, nas últimas 3 décadas a indústria brasileira enfrenta uma regressão, seja em termos de participação percentual no PIB, seja na proporção de empregos gerados ou até mesmo em termos de evolução comparada ao mundo.

Muitos fatores concorrem para explicar o declínio da indústria na economia brasileira: nossos objetivos nesse texto são: (1) identificar quais são esses fatores que determinam o declínio industrial; (2) quais são os setores que poderão se destacar em 2023 nessa conjuntura desfavorável.

Antes, contudo, é preciso notar que o desenvolvimento industrial brasileiro foi constituído por diversas fases, todas sequenciadas logicamente. E esse desenvolvimento, em que pese seu sucesso aparente, continha um pecado original que gostaríamos de fazer notar, pois não apenas determina a evolução atual, como dificulta evolução futura.

Uma primeira fase da industrialização inicia-se ainda no século XIX, acelera-se no período da primeira república, com a chegada de imigrantes e novas técnicas: não à toa, grandes industriais brasileiros eram descendentes, ou mesmo naturais, de povos europeus. A introdução da mão de obra assalariada, em substituição ao trabalho escravo, proporcionou um encorajamento para o desenvolvimento industrial e, em paralelo, a formatação de um mercado interno que se sofisticava. Os períodos da primeira guerra, assim como da expansão mundial da década de 20 favoreceram também os industriais e negócios em geral, ao menos no Brasil. Contudo, esse desenvolvimento era concentrado em produtos não duráveis e semiduráveis e fundamentalmente privado, ainda em uma época da história econômica na qual o papel do estado como financiador e interventor de atividades produtivas não estava caracterizado.

A partir da década de 30 tudo se modifica: não apenas no Brasil, mas no mundo como um todo, o papel de produtor do setor público fortalece-se, consequência da crise e do estabelecimento de sistemas totalitários em várias partes do mundo. Importante salientar que exceto por um outro país, o Brasil é uma das economias que reage de forma mais rápida à crise de 29, convencendo o governo que a exposição aos produtos agrícolas era um risco e necessitava-se uma aceleração do desenvolvimento industrial.

Desde então, no contexto brasileiro, seguiu-se uma política industrial, que com suas idas e vindas ao longo de 5 décadas, mostrou a priori uma coerência lógica: primeiro atacaram-se os gargalos da economia, determinando-se a produção de bens básicos, como aço, energia e extração de petróleo. Em um segundo momento definiu-se a prioridade para consumo de bens duráveis e bens de capital: momento em que a indústria brasileira se adaptou à produção de automóveis, eletrodomésticos e consolidou uma indústria de maquinários agrícolas. Ainda em uma terceira fase o Brasil capacitou-se em telecomunicações, energia e refino de combustíveis, além de avançar na produção de bens de capital mais sofisticados.

### **(1) Fatores que concorrem para o declínio industrial brasileiro**

Essa sequência de décadas, ainda que houvesse períodos de crise, determinou um crescimento industrial sem paralelo na América Latina e um dos mais expressivos do mundo. Contudo, duas características não foram adaptadas a novos tempos e são os primeiros fatores para explicar o declínio da indústria brasileira: o primeiro fator, o financiamento público e a ausência de poupança interna privada disponível para financiar a indústria e seus investimentos de ciclo longo. O segundo fator, o fato de que a indústria brasileira foi forjada, apesar da excelência em várias áreas, em um ambiente sem competitividade, com mercado interno protegido e sem característica exportadora, como por exemplo dos países asiáticos. Essas duas características constituíram o “pecado original” da industrialização brasileira.

Quando o financiamento público não esteve mais disponível, sobretudo após a crise da dívida externa na década de 80, não houve adaptação possível: nem o financiamento externo, tampouco o financiamento privado, estava em condições de suprir a ausência de subsídios e financiamentos necessários. Em outras palavras, a fonte secou e não houve o que pudesse regá-la novamente.

De outra parte, mesmo após significativas desvalorizações da moeda brasileira, consequência das crises dos anos 80, não houve qualquer reação exportadora da indústria brasileira, exceção de alguns setores competitivos e ainda assim para mercados menos concorridos e sofisticados. Assim, as décadas anteriores de proteção de mercado, ausência de exportações e competição de nível global impediu a indústria brasileira de responder à crise interna voltando-se para novos mercados.

Neste momento também ficaram claros outros problemas: para além da competitividade, a infraestrutura logística era inadequada ao novo nível da economia brasileira, sobretudo em comunicações e transportes, o que comprometia as indústrias posicionadas para acessar o exterior.

A instabilidade financeira, primeiro com uma completa desorganização monetária, somente reorganizada em 1994, e a oscilação de taxas de juros, que inclusive superaram 45% ao ano na década de 90, dificultaram ao máximo qualquer projeto de investimento de longo prazo, de ampliação de produção e de incorporação de tecnologia ou técnica produtiva.

Ainda, a abertura comercial ocorrida a partir dos anos 90 determinou dificuldades ainda maiores para uma indústria que, como notamos acima, não estava preparada, acostumada e deter-

minada a competir com produtos importados. Nesse contexto, a globalização das atividades e cadeias industriais acelerada no século 21 determinou a completa ausência de competitividade da indústria brasileira.

Esses fatores somados contribuem para o declínio industrial brasileiro. Mas, sobretudo, a ausência de adaptação para novos tempos após cinco décadas de industrialização orientada para o mercado interno e apoiada no financiamento público condicionou a trajetória: foi impossível para o setor industrial brasileiro adaptar-se com agilidade e sobreviver como antes, em uma economia brasileira e internacional totalmente remodeladas.

## (2) Quais setores serão competitivos em 2023

Nesse 2023 nada indica uma mudança significativa de condições para a indústria brasileira: os juros permanecerão altos, os concorrentes externos utilizando-se de verticalização da produção, com maior especialização, e retração nos mercados mundiais por menor crescimento, indicam um 2023 em que mais uma vez a indústria será pouco competitiva em comparação ao setor de serviços e, especialmente, em comparação à agricultura.

**Tabela 1: Variação da Produção Industrial por Setores - em % - 12 meses**

	<b>Indústria</b>	<b>Extrativa mineral</b>	<b>Bens de capital</b>	<b>Intermediários</b>
<b>abr/18</b>	<b>3,69</b>	<b>0,73</b>	<b>9,95</b>	<b>2,47</b>
<b>out/18</b>	<b>2,17</b>	<b>-0,76</b>	<b>8,74</b>	<b>1,23</b>
<b>abr/19</b>	<b>-1,13</b>	<b>-2,61</b>	<b>1,65</b>	<b>-1,51</b>
<b>out/19</b>	<b>-1,28</b>	<b>-7,36</b>	<b>-0,09</b>	<b>-2,19</b>
<b>abr/20</b>	<b>-3,14</b>	<b>-7,59</b>	<b>-4,61</b>	<b>-3,03</b>
<b>out/20</b>	<b>-5,67</b>	<b>-4,57</b>	<b>-13,61</b>	<b>-2,65</b>
<b>abr/21</b>	<b>1,43</b>	<b>-2,51</b>	<b>5,32</b>	<b>3,47</b>
<b>out/21</b>	<b>6,05</b>	<b>-0,15</b>	<b>31,92</b>	<b>5,28</b>
<b>abr/22</b>	<b>-0,29</b>	<b>0,76</b>	<b>14,36</b>	<b>-0,24</b>
<b>out/22</b>	<b>-1,60</b>	<b>-2,27</b>	<b>0,24</b>	<b>-1,27</b>

Fonte: IBGE

**Tabela 1 (continuação): Variação da Produção Industrial por Setores - em % - 12 meses**

	<b>Consumos duráveis</b>	<b>Semi e não duráveis</b>	<b>Insumos da construção civil</b>
abr/18	17,34	1,89	-0,21
out/18	12,14	0,23	2,36
abr/19	0,68	-1,28	0,46
out/19	0,70	0,55	1,01
abr/20	-6,44	-1,56	-2,30
out/20	-20,69	-5,84	-3,04
abr/21	-5,70	-1,82	11,10
out/21	7,20	1,11	13,45
abr/22	-10,43	-2,47	-2,74
out/22	-6,55	-1,87	-7,67

Fonte: IBGE

Como se pode perceber na tabela 1, a desaceleração atinge todos os segmentos da indústria brasileira: porém é importante notar que a desaceleração é mais forte no setor de bens de capital, no de bens de consumo duráveis (que já atingiu o fundo do poço em 2022) e o de indústria de insumos para construção civil. Não causa surpresa, visto que são setores que dependem de crédito barato e acessível, condições que não se apresentaram durante 2022. Com a tendência de manutenção de juros e inflação altas no 2023 a perspectiva é que essa tendência negativa se consolide.

No movimento oposto, os setores de semiduráveis e não duráveis e o setor de bens intermediários provavelmente terão um impacto de reação, ainda que tímida: suas trajetórias de queda são mais contidas e eventualmente também poderá ter algum impacto pelo consumo e famílias mais carentes, beneficiadas com a consolidação do auxílio bolsa família. O consumo de famílias de baixa renda pode reverter a queda nos setores de bens semiduráveis e não duráveis.

## SOBRE A MIRAR

Somos fruto da união entre professores acadêmicos das ciências da Administração, Contabilidade e Economia. Atuamos no mercado desde 2012.

Nossos serviços são desenvolvidos sob o tripé do **planejamento em gestão, visão orçamentária**, e conseqüentemente, da **performance empreendedora**.

Atendemos empresas de médio e pequeno porte, pois sabemos que, mesmo tendo expertise em seus produtos e serviços, muitas vezes carecem de autoconhecimento em gestão estratégica.

## RADAR ECONÔMICO MIRAR

### Coordenação Técnica

#### Gustavo Inácio de Moraes

Economista pela Universidade de São Paulo (1999) e doutorado em Ciências (Economia Aplicada) pela Universidade de São Paulo (2010). Tem experiência na área de Economia, com ênfase atuando principalmente nos seguintes temas: Política Econômica, Desenvolvimento Econômico e Economia dos Recursos Naturais. Tendo atuado anteriormente como economista no Inter-American Express, atualmente professor doutor da PUCRS e parceiro da Mirar Gestão Empresarial.

### Equipe Permanente

João Miranda

Saulo Armos

Alberto Schwingel

Mariana Miranda

Diego Malgarizi

Maurício Vieira

Gilmar Laguna

Beatriz Prado

Rayza Meleti Boaro

Rochana Ramos

### Revisão Editorial

Marina Miranda

Katine Oliveira

### Editoria de Arte

Izabelly Damasio

#### Advertências

As manifestações expressas por integrantes e parceiros da Mirar, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da Mirar. Este Painel foi elaborado com base em estudos internos e projeções e utilizando dados e análises produzidos pela Mirar e seus parceiros além de outros de conhecimento público com informações atualizadas até 04 de novembro de 2022. O Painel é direcionado para plataforma Mirar, contemplando clientes e parceiros, não podendo a Mirar ser responsabilizada por qualquer perda direta ou indiretamente derivada do seu uso ou do seu conteúdo. Este Painel Macroeconômico não deve ser fragmentado ou divulgado de forma isolada sem a autorização da Mirar.



# RADAR ECONÔMICO